



Uma bicicleta enferrujada, largada na garagem, guarda uma preciosa lembrança de infância. Já um estojo cheio de cores, visto pela vitrine de uma papelaria, traz à imaginação muitos desenhos... Entre a bicicleta e o estojo, entre o passado e o futuro, está o presente incerto de Daniel e sua família. Em meio a tudo isso, o menino inicia uma jornada para consertar um erro e repensar escolhas. Nesse percurso, repleto de memórias e afetos, Daniel enfim encontrará sua própria história.



204817

ISBN 978-65-5744-201-2



9 786557 442012

NOSSA BICICLETA • GUILHERME SEMIONATO



BARCO
A VAPOR

Nossa bicicleta

Guilherme Semionato

Ilustrações

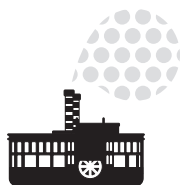
Sandra Jávera



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



sm



BARCO
A VAPOR

Nossa bicicleta

Guilherme Semionato

Ilustrações
Sandra Jávera



Título original: *A bicicleta azul*
© Guilherme Semionato, 2020

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos
Assistência editorial: Olívia Lima
Preparação: Marcia Menin
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Semionato, Guilherme

Nossa bicicleta / Guilherme Semionato ;
ilustrações Sandra Jávera. -- 1. ed. -- São Paulo :
Edições SM, 2020. -- (Coleção Barco a Vapor. Série
Laranja)

ISBN 978-65-5744-201-2

1. Amadurecimento 2. Família - Literatura
infantojuvenil 3. Literatura infantojuvenil
I. Jávera, Sandra. II. Título. III. Série.

20-43394

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

1ª edição outubro de 2020

Todos os direitos reservados à
SM EDUCAÇÃO
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
<https://www.grupo-sm.com/br>

*Para os meus pais, que me deram três presentes:
minha vida, meu irmão
e tempo.*

● SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Nossa bicicleta</i>	
Um livro vivido, pensado e escrito por Daniel.....	11
A bicicleta	13
Marca-textos	16
O dinheiro	20
O estojo.....	22
Clara.....	25
Minha mãe	27
Cabo da Boa Esperança.....	30
Cabo das Tormentas	34
Arthur	37
Pedro.....	39
As cores.....	48

Senhor Alberto.....	52
Resgatando a bicicleta	59
Minha irmã me olha nos olhos.....	62
A foto da minha mãe	65
A história do meu pai.....	72
Nossa bicicleta	90

PREFÁCIO

ANTES DA HISTÓRIA da bicicleta, foi isto que o pai do Daniel lhe disse quando saiu de casa alguns dias atrás:

— Agora você vai ter mais responsabilidades.

Um menino cheio de responsabilidades, vê se pode! Logo Daniel, que tinha tanta vontade de chutar canelas na rua... Se homens e mulheres ainda usassem chapéus, ele teria vontade de dar um peteleco neles e lançá-los longe. Como não usavam, era a vontade de chutar canelas que tomava conta dele quando saía.

Daniel não queria mais responsabilidades, ele queria chutar canelas na rua, só isso. O amigo Pedro não tinha tantas responsabilidades. O Pedro tinha tudo pronto. Tudo era perfeito.

Daniel tinha vontade de esfregar a sorte do Pedro na cara dele. Que vontade de chutar as duas canelas do Pedro! Se você tem vontade de

chutar as canelas do seu melhor amigo, o que é que está acontecendo com você?

É uma pena que eu tenha começado este texto de apresentação com o pé esquerdo. Desse jeito vai ser difícil você acreditar em mim quando digo que o Daniel é um sujeito muito legal, apesar dessa vontade de sair chutando canelas.

Antes que você feche este livro e pegue outro para ler, vou contar um pouco mais sobre o Daniel. Ele gosta de canetas coloridas e de aquarela. Gosta de cadernos com elástico e com arame, de adesivos e borrachas (mas só das que não borram). Quando Daniel passa na papelaria, com todas aquelas coisas bonitas, ele fica tão feliz! Ele até parece um rapaz feliz, sabia?

E ali tem um estojo enorme com tudo que um desenhista como o Daniel precisa ter: lápis de cor, giz de cera, giz pastel, tinta guache... *A beleza* daquilo mexe com o Daniel. O que ele *pode fazer* com aquilo o sacode ainda mais. O próprio estojo parece uma pintura, um desenho. Ele sente que merece tê-lo.

Quando Daniel olha para o seu escritório (é assim que ele chama a mesinha onde estuda, escreve e desenha), ele imagina aquele estojo parado ali em cima. Parado, não. Aberto! Os lápis fora do lu-

gar, talvez um ou outro faltando... Faltando porque ele levou todos os verdes ao quintal para captar a cor da figueira. Ou porque subiu no telhado numa noite de lua prateada levando consigo o lápis cinza, o preto, o branco e o prata.

Daniel não quer o estojo para enfeitar o quarto. Ele quer usar tudo aquilo até o apontador descascar os lápis por completo, até a tinta acabar, até o giz de cera virar um toquinho pequeno que nem um amuleto. Até ter de comprar outro. Ele colocaria todos os desenhos (os que eram desenhos mesmo e os desenhos de palavras, porque ele também é escritor) no estojo vazio, deixaria no armário, abriria muito tempo depois e... encontraria aquilo tudo de novo! E então ele entenderia as coisas.

Quando essa vontade de chutar canelas pega Daniel, só tem um lugar, só um mesmo, para ele ir, onde se sente em casa. E esse lugar é a papelaria. Lá ele é um artista. Quando folheia os cadernos em branco, imagina as páginas cobertas de desenhos. Os lápis de cor saem da caixa e começam a pintar o mundo, a cobrir o que não está direito, o que está esquisito. As canetas escrevem seu nome em todas as coisas que ele quer que sejam suas, e seu nome é mais bonito nas etiquetas que dizem que as coisas são suas.

Todo mundo sabe que o Daniel adora a papelaria: o pai (mesmo longe), a mãe, a irmã, os colegas e amigos de escola, o pessoal que trabalha na loja... eu. É uma das coisas que mais sei. E, se escrevo isto, é para que estas palavras todas, soltas assim, sigam Daniel no caminho de casa até a papelaria, que é um lugar de felicidade e solidão.

Ele provavelmente está lá agora, com o rosto grudado na vidraça, deixando tudo embaçado. A história é dele. Eu não posso contar uma história que não é minha. É a diferença entre desenhar com um pedacinho de carvão e com mil tonalidades de preto diferentes.

Agora, sim, começa a história. Boa leitura!

Alberto (da papelaria)

Nossa bicicleta

Um livro vivido,
pensado e escrito por

Daniel

● A BICICLETA

SABE ESSAS COISAS perdidas que não são de ninguém? Era a bicicleta. Toda enferrujada, meio empenada, não dava para fazer nada com aquilo. Nem dava para ver a cor dela direito, só tinha cor de ferrugem. E não era de ninguém.

Na verdade, a bicicleta tinha dono, sim. Era do meu pai e já existia antes de eu nascer. Fazia tempo que eu não andava nela. Quando andava, tinha que mexer um pouco no banco, então ela não era bem minha... Não era como um tênis que você coloca e a sola vai ficando igual a seu pé. Não era a *minha* bicicleta.

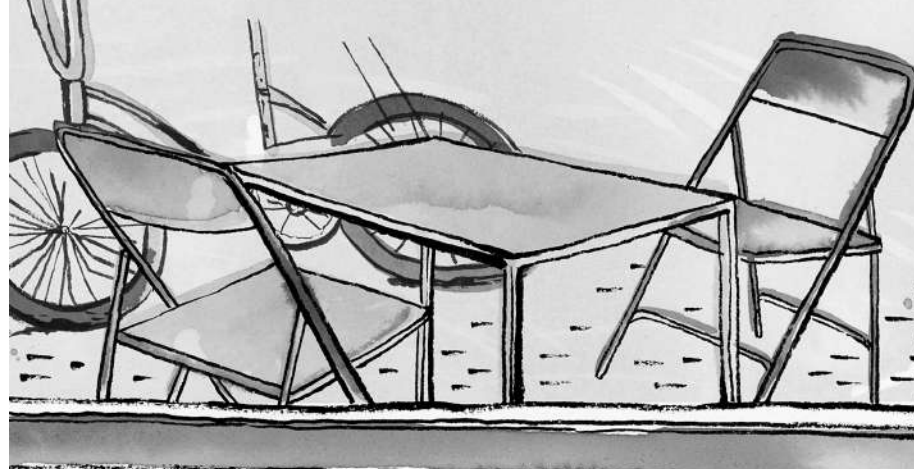
Eu já tive uma bicicleta. Minha irmã e eu dividimos uma, com rodinhas. Aí eu aprendi a andar sem antes dela, que é um ano mais nova, e meu pai ficava colocando e tirando as rodinhas. Dava trabalho, mas ele nunca reclamou. Quando minha irmã aprendeu a andar sem, meu pai

nunca mais teve que colocar as rodinhas. Só que nós ficamos grandes demais para ela, e ele deu para alguém ou vendeu. Foi assim. A bicicleta foi embora sem um tchau.

Então sobrou essa outra bicicleta, bem velha e inútil. Nem me lembro da última vez que meu pai andou nela.

Também nunca vi minha mãe andando de bicicleta, andando mesmo, na minha frente. Mas tem uma foto num álbum em que ela aparece numa bicicleta azul com uma cesta amarela. É uma foto bonita. Minha mãe parece que se mexe, porque o vento levantou os cabelos dela e o sorriso abriu tanto! Parece que a bicicleta está andando até hoje...

Essa é a história da minha família com bicicletas, bem resumida. Acho que devem existir famílias que gostem mais de bicicletas do que a minha. Até porque a gente só tem uma, que é essa enferrujada, empenada, com freio esquisito, não passa marcha, sem cesta, sem nada.



● MARCA-TEXTOS

MEU PAI ME DISSE há alguns dias que a partir de agora eu teria mais responsabilidades. Em vez de pensar nelas, preferi pensar nas coisas dele que passaram a ser minhas depois que ele foi embora. A caixa de ferramentas agora era minha, e eu com certeza ia aprender a trocar a resistência do chuveiro quando queimasse.

Pensei também em ficar com um casacão bem quente que o papai deixou para trás. Será que eu tinha que pedir à minha mãe ou podia simplesmente ir lá pegar? Nossa! E a coleção de livros dele? A maioria de guerra. Meu pai adora ler sobre guerras. Ele lê para entender. Eu também leio para entender, mas não sei se quero ler sobre guerras agora. Outras coisas me interessam mais.

Acho que tudo no quartinho passou a ser meu quando meu pai se foi. Inclusive as gavetas cheias

de papéis sem nada escrito, com canetas de todos os tipos e os marca-textos velhos que ele usava para estudar.

Um dia meu pai me mostrou um livro de História antigo e abriu no capítulo sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele tinha um jeito só dele de estudar. Marcava de amarelo as coisas mais importantes, as definições, o que era o quê. Marcava de azul os nomes: de pessoas e lugares, de batalhas e conflitos. Marcava de verde os anos e as datas. O livro todo estava coberto de traços amarelos, azuis e verdes.

Naquele dia em que meu pai me mostrou como ele estudava, eu mostrei a ele como eu estudava. Eu leio o texto uma vez. Penso em algo diferente. Leio de novo. Vou fazer outra coisa, comer e tal. Volto e leio mais uma vez. Depois fecho o livro e conto a história para mim mesmo com as minhas palavras, tentando me lembrar de tudo que conseguir. Mas sempre com as minhas palavras!

E é exatamente isso que eu estou fazendo agora. Eu escrevo, penso na história, apago, escrevo mais, mudo alguma coisa, vou comer um biscoito, volto, penso mais, escrevo... Espero que fique bom. Se não ficar, tudo bem. É só o meu primeiro livro. Eu tenho tempo...



Meu nome é Daniel. O do meu pai é João. O da minha mãe é Laura. E o da minha irmã é Clara.

Se eu estudasse este livro que estou escrevendo, eu marcaria de azul os nossos nomes e marcaria de amarelo “meu pai”, “minha mãe” e “minha irmã”, porque são as coisas mais importantes. Dessa vez eu faria do jeito que meu pai faz, pela saudade.

● O DINHEIRO

EU ESTARIA MENTINDO se dissesse que conheço o Arthur, mas foi para ele que vendi a bicicleta. Ele era bem mais velho do que eu, tinha dezesseis anos. Morava a cinco quadras da minha casa, com a mãe. Há uns meses, meu amigo Pedro me contou que vendeu uma bicicleta para ele. Isso ficou guardado na minha cabeça, aí resolvi procurá-lo.

Quando levei a bicicleta para o Arthur, tive a impressão de que ele ia mexer bastante nela e então colocar à venda e ganhar um dinheiro. Pensei que eu mesmo poderia fazer isso e vendê-la mais caro, mas de onde ia tirar dinheiro para fazer as reformas?

Arthur a chamou de “magrela”. E falou com ela. E ficou olhando... como se já desmontasse a bicicleta com os olhos, tirasse a sujeira e pintasse com spray.

Foi então que eu soube que a bicicleta não era mais minha. Que estranho... Foi como se eu não quisesse mais vender, só quisesse sair correndo dali com ela. Mas já era tarde. Parecia que o Arthur tinha colocado o nome dele na bicicleta e que nem precisava mais me pagar.

Mas ele me pagou. Cinquenta reais.

Foi a primeira vez que eu segurei uma nota de cinquenta reais minha. Enfiei bem fundo no bolso da calça. Se o Arthur não estivesse olhando, ia botar na meia, mais seguro ainda. Aquilo era tudo que eu tinha.

Tudo isso aconteceu tem alguns dias. Deve ser por isso que agora eu posso olhar para trás e me fazer perguntas que não fiz naquela hora. Uma delas é: como foi que nem me passou pela cabeça que minha mãe pudesse descobrir que a bicicleta sumiu? Outra: por que eu não me senti estranho segurando aquele dinheiro? Eu estava feliz e achava que era meu mesmo...

● O ESTOJO

A VITRINE DA PAPELARIA do meu bairro estava sempre cheia. Tinha coisas de super-herói, de princesa, troços importados que brilhavam. Mas eu só tinha olhos para uma coisa: um estojo com tudo, tudo que eu sempre quis.

Queria tanto saber o preço e tinha vergonha de perguntar, porque nunca que eu ia conseguir pagar por ele. Só trabalhando! Mas eu não sei trabalhar ainda... Só sei que eu queria aquilo! Queria tanto aquilo! Eu olhava para o estojo com tanta vontade que quase fiz um furo na vitrine.

Tinha giz de cera, giz pastel, lápis de cor, guache, grampeador, borrachas, canetas coloridas, um vidrinho de cola, régua, apontador, tudo. Eu até afastava um pouco o braço da lateral da barriga para sentir o estojo ali comigo.

No primeiro dia em que eu vi o estojo, fiquei olhando e babando, e voltei para casa.



No segundo dia, olhei mais, criei coragem, entrei na papelaria e perguntei quanto custava. Era caríssimo!

No terceiro dia, não passei lá, porque estava irritado com o preço. Além disso, era domingo e a loja não abria.

No quarto dia, não estava mais irritado e fui até lá. Uma moça que trabalha na papelaria me chamou para entrar e me falou mais dele. Era da França! Veio da França para mim! Ela disse que tinha um no mostruário, aberto, para quem quisesse mexer. O estojo parecia novinho em folha. Toquei todas as coisas como se fossem minhas.

No quinto dia, meu pai foi embora de casa. Fiquei mais tempo na papelaria.

No sexto dia, tive a ideia de vender a bicicleta.

No sétimo dia, vendi. E lá estava eu parado na frente da vitrine, com cinquenta reais no bolso. Mas não consegui entrar na loja para comprar o estojo.

Acho que uma voz dentro de mim me mandou esperar. Talvez naquela hora eu nem mais achasse que o dinheiro era meu. Nem o dinheiro nem o estojo.

● CLARA

QUANDO CHEGUEI em casa, minha irmã estava me esperando na varanda. Eu senti que ela sabia.

— Que foi? — perguntei.

— Onde você tava?

— Fazendo minhas coisas.

— Que coisas?

— Minhas coisas.

— Cadê a bicicleta?

— Que bicicleta?

— Não dá uma de idiota, Daniel.

— Não me chama de idiota!

— Eu vi você saindo com ela!

Fiquei quieto.

— Você vendeu a bicicleta!

— Não!

Mas não tinha mais jeito, minha irmã já sabia.

Então eu completei:

— Ninguém andava naquela porcaria!

— Não é sua pra você vender. Não é sua! É nossa! — gritou ela, cada vez mais alto.

— Tem um século que ninguém toca nela!

— Não era sua. Isso é coisa de ladrão.

— Clara, não fala assim comigo! Não me chama disso!

— E a mamãe? E quando ela souber?

— Ela não vai ligar! Duvido que ela ligue!

Clara correu para dentro de casa. Fiquei sem saber o que fazer.

● MINHA MÃE

NESSE DIA MINHA MÃE saiu mais cedo do trabalho. Era enfermeira num hospital para crianças meio longe de casa. Quando eu era mais novo e ficava doente, cheio de dor de garganta e febre, ela vinha até o quarto e me contava histórias. As enfermeiras sabem bem quem elas podem ajudar e quem não podem. E eu tinha certeza de que minha mãe sempre poderia me ajudar.

Ela chegou com quatro sacolas de mercado e largou tudo ao lado da geladeira. Era eu quem geralmente guardava as coisas. Quando peguei o segundo cacho de bananas, tive vontade de dizer:

— Eu vendi a bicicleta.

Mas fiquei quieto. Aqueles cinquenta reais queimavam o bolso da minha calça, quase faziam um furo na minha perna.

No jantar, enquanto me servia, tive vontade de dizer:

— Eu vendi a bicicleta.

Mas só comi em silêncio, olhando para o prato, o prato olhando para mim.

Pensei: “Vou colocar os cinquenta reais na bolsa da minha mãe”. Mas naquela hora eu ainda queria o dinheiro e não fiz isso.

Minha irmã me olhava de um jeito... Era como se não soubesse quem eu era.

Escovando os dentes, pensei no meu pai. Será que ele já fez alguma coisa parecida? Um dia eu perguntei ao meu avô qual foi a pior coisa que o meu pai tinha feito. Ele disse: “Quebrar o braço, ficar um mês com gesso, tirar o gesso e quebrar o mesmo braço no mesmo dia”. Mas eu acho que a pior coisa que o meu pai fez foi ir embora.

Gritei um boa-noite para a minha mãe, enfurnada no quarto dela. Minha irmã não trocou uma palavra comigo a noite toda.

Não consegui dormir. Desci do beliche e fui desenhar no escritório. Clara estava virada para a parede e dormia que nem uma pedra, então liguei a luminária. Desenhei com o que tinha.

Quando sinto vontade de desenhar, não importa muito ter ou não ter coisas boas e bonitas. O desenho sai do mesmo jeito.

Acho que aquela foi a primeira vez que eu desenhei uma bicicleta... Desenhei uma estrada vazia, a bicicleta de pé no acostamento, muita grama ao redor e várias colinas no fundo.

Eu precisava pegar a bicicleta de volta. Ela é mesmo nossa.